

Uma Introdução Das Estruturas Endopsíquicas De Fairbairn

Kátia Maria Amaral dos Santos¹, Belo Horizonte

Resumo: O presente trabalho é uma breve apresentação das principais contribuições de Fairbairn para a teoria da Psicanálise. Explica conceitos básicos apresentados e trabalhados por Fairbairn e sua construção de um novo aparelho psíquico. Por meio desses conceitos e desse aparelho psíquico tenta uma introdução à teoria da relação de objetos como vista por Fairbairn. Este é um autor pouco estudado, provavelmente pela sua introdução do novo aparelho psíquico, mas sua teoria é de extrema importância para o estudo da teoria das relações de objeto, para o estudo de traumas e para o estudo de casos cada vez mais frequentes de traços esquizoides em nossos consultórios.

PALAVRAS-CHAVE: Fairbairn, Relações De Objeto, Estruturas Endopsíquicas, Esquizoide.

Introdução

William Ronald Dodds Fairbairn nasceu em 1889, em Edimburgo, na Escócia. Foi professor na Universidade de Edimburgo, psiquiatra e psicanalista. Entrou para a Sociedade Britânica de Psicanálise como membro em 1931. Escreveu vários trabalhos, sendo considerado um dos pioneiros da teoria das relações de objeto. Além disso, seu trabalho é considerado como original e inovador. No presente trabalho tentaremos explicar o seu aparelho de estruturas endopsíquicas.

1 Psicóloga e Candidata da Sociedade Mineira de Psicanálise de Minas Gerais.

Kátia Maria Amaral dos Santos

Para que possamos explicar o seu sistema é necessário, antes, explicar alguns de seus conceitos.

Alguns conceitos de fairbairn

Começaremos pela revisão do conceito de impulsos feita pelo autor. Ele não nega a existência da libido, mas, para Fairbairn, ela busca inicialmente ligar-se a um objeto. Como dizem Figueiredo & Araujo (2013)

.... a introjeção permanente de objetos revelaria que a libido está sempre procurando objetos, e quando não os encontra, os inventa, e quando os perde, os retém e controla pela via da introjeção. a libido procura primordialmente objetos e a eles está sempre se reportando. (p. 27)

Quando a busca pelo objeto bom falha ou falta, e isso sempre ocorre, a libido busca o prazer (no sentido de descarga energética). A busca pelo prazer, então, já indicaria uma patologia. Sua nova concepção dos impulsos faz com que seja impossível separar os impulsos (libido e agressão) das estruturas do ego.

Para Fairbairn, é impossível, portanto, separar os impulsos das estruturas do ego, conseqüentemente, seria também impossível separar o id do ego, ou seja, o id faria parte do ego. O que aconteceria, então, é que o ego central reprimiria a estrutura ligada aos instintos, que ele denomina de ego libidinal. Voltaremos a isso posteriormente.

Um outro conceito revisto por Fairbairn é o termo esquizoide. Em *As estruturas endopsíquicas consideradas em termos de relações de objeto* (1944), Fairbairn aponta que o motivo pelo qual ele concebeu sua teoria das relações de objeto foi devido à demanda de pacientes com tendências esquizoides. Para Fairbairn (1940), esses pacientes são um grupo amplo que engloba desde pessoas com traços esquizoides até pessoas francamente esquizofrênicas.

Quanto mais ele tinha contato com seus pacientes e neles observava os fatores esquizoides, mais ele percebia como esses fatores são comuns e estão presentes nas pessoas tidas como neuróticas. Além disso, começou a se questionar se não haveria pessoas esquizoides que usam de características neuróticas e de psiconeuroses como

Uma Introdução Das Estruturas Endopsíquicas De Fairbairn

defesa para encobrir um estado esquizoide num âmbito mais profundo e reprimido. Nesses casos, tal estado só se demonstraria caso essas defesas falhassem.

Como explicam Bleichmar & Bleichmar (1992), o estado esquizoide seria, para Fairbairn, a base para a formação do psiquismo do ser humano.

A princípio o bebê se relaciona com a mãe como um bom objeto, direcionando para ela sua libido. Nesse momento ele internaliza um objeto que ao mesmo tempo seria satisfatório e insatisfatório, chamado por Fairbairn de objeto pré-ambivalente. Quando esse objeto frustra o bebê, ele passa a direcionar para ele também a sua agressividade, fazendo com que o objeto que antes era pré-ambivalente agora se torne ambivalente. Como essa ambivalência é algo intolerável, a criança separa o objeto bom do objeto mau. No intuito de controlar o objeto mau, o bebê o reprime, juntamente com as partes do seu ego que estão ligadas a tal objeto. Dessa forma, há a primeira clivagem e, conseqüentemente, o início da estruturação de um psiquismo (Figueiredo & Araujo, 2013).

Em *Uma revisão da psicopatologia das psicoses e psiconeuroses*, de 1941, Fairbairn trabalha a sua teoria de que os estados paranoides, obsessivos, histéricos e fóbicos são na verdade defesas psicopatológicas contra o estado esquizoide, mais primitivo e mais destrutivo para o ego. Ele considera que, quando há a falha da repressão, esses estados apareceriam para que não haja a desintegração do ego.

Outro conceito repensado por Fairbairn é a repressão. Ele concorda com a ideia original de Freud sobre as funções repressoras do superego, mas acrescenta a ela outras ideias.

Para Fairbairn (1944), a repressão inicialmente se dá pelo ego central, que se utiliza de uma quota de agressão que retém para reprimir tanto o objeto excitante, quanto o objeto rejeitador, que são dissociados do objeto principal, como denominaria Fairbairn, junto com os elementos excessivamente excitantes e excessivamente frustradores, respectivamente. O ego central reprime, em seguida, os egos subsidiários ligados a esses objetos, devido ao investimento libidinal ainda existente em parte do ego para com tais objetos. Esse processo, porém, não explica a redução da quantidade de libido e agressão que ficam ligadas aos egos subsidiários.

O autor continua sua teoria, explicando que a agressão sobressalente seria utilizada pelo sabotador interno contra o ego libidinal, e a libido sobressalente seria

Kátia Maria Amaral dos Santos

utilizada pelo ego libidinal contra o objeto excitante. Para ele, o ataque do sabotador interno contra o ego libidinal “... é o fator mais importante na manutenção da repressão” (Fairbairn, 1944, p. 91.).

Além da repressão exercida pelo ego central e o ataque do sabotador interno, Fairbairn (1944) chama a atenção para a ligação do ego libidinal com o objeto excitante, ligação que contém um alto nível de investimento libidinal. Considerando essa situação, é plausível pensar que essa ligação trabalharia contra o processo terapêutico, já que o ego libidinal não abriria mão facilmente de seu objeto – que é um objeto interno e reprimido – para investir a libido em um objeto externo. O ataque constante do sabotador interno contra o objeto excitante influenciaria o ego libidinal a manter essa ligação com esse objeto que estaria em um estado de constante ameaça. Apesar de não ser de fato uma ação repressora, essa atitude do ego libidinal auxiliaria o processo de repressão do ego central.

Fairbairn (1944) denomina a repressão realizada pelo ego central de repressão direta, e a repressão realizada pelo sabotador interno de repressão indireta, apesar de em seu trabalho ele sempre usar apenas a palavra “repressão” em ambos os casos.

É importante lembrar que, para Fairbairn (1944), o que é reprimido não são os impulsos libidinais ou agressivos, mas as estruturas. Ainda mais: as estruturas de ego utilizam-se dos impulsos agressivos para gerar e manter a repressão, assim como se utilizam dos impulsos libidinais para também auxiliar na manutenção da repressão.

Em *Repressão e retorno dos objetos maus (com especial referência às ‘neuroses de guerra’)*, de 1943, Fairbairn idealiza o que ele denomina de defesa moral. Nesse texto, o autor afirma que, quando há uma falha na repressão, o ego põe em prática quatro defesas psicopatológicas que seriam – como apontado anteriormente – a fóbica, a obsessiva, a histérica e a paranoide. Porém, além dessas defesas, haveria uma outra defesa à disposição do ego: a defesa moral.

Em 1943, Fairbairn aponta para o fato de que a criança internaliza os objetos maus num intuito de controlá-los e, ao mesmo tempo, proteger seus objetos “bons” externos. Ele explica que existem dois tipos de maldade: maldade incondicional e maldade condicional. Um objeto incondicionalmente mau seria o objeto mau libidinosamente e o objeto condicionalmente mau seria o objeto mau moralmente. No

Uma Introdução Das Estruturas Endopsíquicas De Fairbairn

seu ponto de vista, os objetos maus que a criança internaliza são incondicionalmente maus, porque são persecutórios.

A partir do momento em que a criança se identifica com esses objetos e estabelece uma relação com eles, ela também se torna incondicionalmente má. A criança internaliza os objetos bons numa tentativa de reparar sua maldade incondicional. Ao internalizar os objetos bons, eles assumem o papel de superego.

Em consequência dessa internalização dos objetos bons, há, então, a maldade condicional e a bondade condicional. Se a criança age de acordo com seus objetos maus, ela é condicionalmente má perante o superego; se os evita, ela é condicionalmente boa.

Como diz o autor, com certeza seria melhor ser condicionalmente bom que condicionalmente mau; na falta do condicionalmente bom, porém, seria melhor ser condicionalmente mau que incondicionalmente mau. Essa seria, então, a defesa moral. A criança a utiliza para proteger os objetos bons externos e criar um mundo externo seguro. Fairbairn exemplifica a situação da seguinte maneira:

.... É melhor ser pecador em um mundo governado por Deus, do que viver em um mundo regido pelo Diabo. Em um mundo governado por Deus, um pecador pode ser mau; porém sempre existe um certo sentimento de segurança, que deriva do fato de que o mundo circundante é bom.... sempre há uma esperança de redenção. Num mundo regido pelo Diabo, o indivíduo pode escapar à maldade de ser pecador; porém é mau porque o é o mundo que o rodeia. Mais ainda, pode não ter um sentimento de segurança nem esperança de redenção. (Fairbairn, 1943, p. 53.).

Ou seja, é melhor ser mau diante de um objeto bom (que traria segurança e confiança externa, mesmo que à custa de uma insegurança e desconfiança interna) do que ser bom diante de um objeto mau (que ainda traria insegurança e desconfiança interna, mas, neste caso, juntamente com a externa).

Fairbairn (1944) também revê a importância da situação edípica para a construção da estrutura endopsíquica. Para o autor, a importância delegada por Freud à situação edípica deveria ser transferida para a situação inicial de dependência infantil em relação à mãe.

Ainda para o autor, a situação edípica aconteceria após a estruturação endopsíquica. A criança criaria a situação edípica internamente como uma forma de

Kátia Maria Amaral dos Santos

lidar com a ambivalência de objetos internalizados, que para ela caracterizaria uma situação intolerável. A situação edípica, então, seria apenas uma revivência daquilo que foi vivido no relacionamento do bebê com a mãe.

As estruturas endopsíquicas de fairbairn

O sistema psíquico de Fairbairn é criado a partir de seus pontos de vista em relação à repressão e à posição esquizoide. Ele demonstra o funcionamento das estruturas endopsíquicas no seu trabalho de 1944, com base no sonho de uma paciente, utilizando os conceitos criados e remodelados por ele, apresentados anteriormente no presente trabalho.

Para o autor, existem três estruturas principais: o ego central, o ego libidinal e o sabotador interno. Ligados a essas estruturas existem três objetos internos, que também são estruturas, apesar de não serem estruturas de ego. Estes seriam: o ego ideal (ligado ao ego central), o objeto excitante (ligado ao ego libidinal) e o objeto rejeitador (ligado ao sabotador interno).

Para Fairbairn (1944), o ego central tem uma semelhança funcional com o ego como teorizado por Freud, no sentido de ser uma estrutura pré-consciente/consciente (com alguma parcela inconsciente), e de ser o principal meio de “comunicação” com o mundo externo. Mas há também muitas diferenças.

Primeiramente, o ego central é uma estrutura dinâmica, ao invés de uma estrutura passiva dependente de impulsos originários do id. Além disso, o ego central seria a estrutura originária, de onde o ego libidinal (o id para Freud) se originaria, ao invés do oposto, como postulado por Freud.

Como mencionado no parágrafo anterior, o ego central é a estrutura originária, ou seja, está presente desde o nascimento. A princípio o ego central internaliza um objeto pré-ambivalente que causa satisfações e insatisfações. Quando o objeto torna-se ambivalente e sua ambivalência torna-se intolerável, o ego central separa os objetos maus do objeto principal, gerando cisões e repressões e criando os egos subsidiários, que estariam ligados libidinalmente a esses objetos. Quando gera essas cisões, sua libido e agressividade são deslocadas para os egos subsidiários fazendo com que quanto mais cindido o ego central, menos libido e agressividade ele dispõe para buscar relações com objetos externos.

Uma Introdução Das Estruturas Endopsíquicas De Fairbairn

Ainda assim, o ego central sempre retém uma quota de agressão para que possa continuar exercendo, ele mesmo, a repressão sobre os objetos internos e, conseqüentemente, os egos subsidiários.

O ego central, então, a partir das repressões, cria duas estruturas subsidiárias. Ambas as estruturas têm características em comum: são inconscientes, ambas sofrem repressão do ego central, e ainda, uma (o sabotador interno) exerce repressão sobre a outra (o ego libidinal).

Para Fairbairn (1944) o sabotador interno não se iguala ao superego. Primeiramente, assim como o ego libidinal e o ego central, é uma estrutura. Em segundo lugar, ele não tem a característica da moralidade existente no superego. Ainda assim, o autor não acha possível descartar a existência do superego como o fez com o id.

De acordo com Fairbairn (1944) o sabotador interno é criado antes da moral e, a partir da cisão do ego central, tem à sua disposição a agressão (emergindo da frustração) que utilizaria para atacar o objeto excitante, primeiramente, e o ego libidinal secundariamente. Dessa forma, o sabotador interno exerce uma segunda repressão sobre o ego libidinal, reforçando a repressão já exercida pelo ego central.

É importante ressaltar que, apesar de o sabotador interno se utilizar da agressão em sua relação com o objeto excitante e o ego libidinal, em sua relação com o objeto rejeitador ele utiliza-se da libido. Como diz Figueiredo & Araujo, o sabotador interno “.... está *apegado amorosamente* ao seu objeto frustrante e muitas vezes atuará em nome desse objeto, identificado com ele” (2013, p. 58.).

Fairbairn (1944) iguala o ego libidinal ao id de Freud, com as seguintes diferenças: o ego libidinal não é apenas um repositório de impulsos, mas uma estrutura dinâmica como o ego central e o sabotador interno. O ego libidinal tem, porém, algumas características diferentes do ego central, como uma falta de organização, uma infantilidade, uma dificuldade de lidar com a realidade e sua devoção aos objetos internos.

Devido à cisão realizada pelo ego central, a libido fica à disposição do ego libidinal. Este, por sua vez, liga a libido ao objeto excitante. Dessa forma, a libido fica voltada para o mundo interno da pessoa e suas relações de objeto internas, ao invés de voltada para o mundo externo e as relações reais.

Quanto mais frustrantes as relações reais, quanto mais cisões realizadas, maior o foco nas relações objetivas internas e menor o poder de ação do ego central. Este último acaba se transformando num observador das disputas internas entre o ego libidinal

Kátia Maria Amaral dos Santos

juntamente com o objeto excitante e o sabotador interno em conjunto com o objeto rejeitador. Isso é relevante, pois os objetos internos – como vimos anteriormente – são sempre maus e persecutórios. Sendo assim, como diz Figueiredo & Araujo “... O paciente vê-se, então, dividido entre fantasias e ações altamente erotizadas e fantasias e ações movidas pelo pavor, sendo que uma parte dele permanece, todo o tempo, intocada e entocada, em estado de frigidez e tédio” (2013, p. 56.).

Como foi assinalado anteriormente, para Fairbairn, cada estrutura de ego tem um objeto internalizado ligado a ela. Estudaremos agora estes objetos: o ego ideal, o objeto excitante e o objeto rejeitador.

O ego ideal provém do objeto pré-ambivalente introjetado inicialmente pelo bebê. A partir do momento em que este objeto (denominado então objeto principal) apresenta elementos excessivamente excitantes e excessivamente frustradores, estes elementos são separados pelo ego central do objeto principal. O ego central realiza a cisão e repressão desses elementos separados do objeto principal, criando assim o objeto excitante e o objeto rejeitador, respectivamente.

O objeto principal, então, despido de seus elementos excessivos e tornando-se assim dessexualizado e idealizado, passaria a ser aceito pelo ego central e investido libidinalmente por ele. Fairbairn conclui que ele seria o núcleo para o superego, mas prefere a denominação ego ideal, devido à sua natureza.

Como apontado anteriormente, o bebê, a princípio, introjeta um objeto pré-ambivalente, ou seja, satisfatório e insatisfatório. Normalmente esse objeto é a mãe. À medida que a cultura se impõe na relação mãe-bebê, as frustrações vão surgindo e esse objeto pré-ambivalente torna-se ambivalente. Para lidar com essa ambivalência, o bebê separa esse objeto em objeto bom e mau e reprime o objeto mau, como explicado anteriormente. Porém, como, apontam Figueiredo & Araujo (2013), esse objeto mau ainda seria desejado, excitante, apesar de também ser frustrador e rejeitante. Temos aí novamente uma ambivalência. O objeto mau, então, é novamente cindido no objeto excitante (que é disfarçado de um objeto bom) e o objeto rejeitador.

O objeto excitante, então, ficaria ligado ao ego libidinal e receberia os elementos dos investimentos libidinais de desejo e sedução.

Já o objeto rejeitador seria ligado ao sabotador interno, representando os elementos agressivos da raiva devido às frustrações vivenciadas. Vale repetir aqui que, apesar de ser o representante dos elementos agressivos, no entanto o sabotador interno é ligado ao objeto rejeitador por um investimento libidinal. Sua agressividade não se volta

Uma Introdução Das Estruturas Endopsíquicas De Fairbairn

contra seu objeto, e sim, contra o objeto excitante e o ego libidinal, que ele vê como frágil, “sempre à espera de amor e prazer, o que o torna presa fácil de promessas e seduções” (Figueiredo & Araujo, 2013, p. 58.).

As relações de objeto

A princípio o indivíduo se relacionaria com os objetos externos, buscando-os com sua libido e investindo neles. Para Fairbairn, como aponta Araujo (2015), num desenvolvimento normal, a criança buscaria se relacionar com a mãe e teria uma compreensão, mesmo que rudimentar, da aceitação e sobrevivência da mãe à sua voracidade. O bebê associa seu esvaziamento antes da fome e seu preenchimento após a amamentação com o enchimento e esvaziamento do seio materno. Mas o seio estaria sempre preenchido novamente, quando o bebê estivesse com fome, ou seja, esvaziado. Isso criaria confiança no bebê tanto interna quanto externamente. A partir daí o bebê poderia reconhecer seu ódio, ou seu amor, pela mãe, poderia estabelecer relações com outros objetos, e ter um desenvolvimento saudável. Mas Fairbairn não se concentrou nesses casos (que na realidade, não existem), mas em casos onde as psicopatologias existem (em maior ou menor grau), ou seja, em casos em que esse desenvolvimento encontrou percalços.

Ainda de acordo com Araujo, existem três pontos importantes no desenvolvimento da relação mãe-bebê: “O processo de receber o leite/amor da mãe, o processo de fazer uso do leite/amor recebido e o processo de devolver a ela o amor/excremento,” (Araujo, 2015, p. 67 e 68.) Para Fairbairn, quando há um trauma nesse desenvolvimento, a criança precisa se defender, retirando seu investimento libidinal das relações externas para as internas.

Araujo (2015) afirma que, a partir desse trauma, a criança se relacionaria não mais com o objeto total, mas com o parcial. A criança passa a tentar acumular a maior quantidade de leite/amor que der conta, partindo do princípio de que a mãe tem pouco leite a oferecer. Ela internaliza não somente o alimento, mas o próprio objeto que o provê, com o intuito de controlá-lo.

O indivíduo internaliza os objetos devido ao medo que sente de, ao tentar ligar-se a objetos externos, deparar-se com o vazio, ou seja, com a morte psíquica. Ele se enche e enriquece, portanto, seu mundo interno e volta sua libido para si para não se deparar com o vazio que acredita encontraria no mundo exterior.

Kátia Maria Amaral dos Santos

A realização dessa defesa, porém, e sua manutenção, tem um custo alto para o indivíduo. Ele fica preso num mundo interno infantil, enclausurado no que Fairbairn, posteriormente, irá denominar de sistema fechado. As cisões e repressões criadas para proteger o indivíduo desse “trauma original” são reforçadas em cada encontro com novos objetos externos. Os objetos externos são novamente internalizados, cindidos, e suplantam, e se fundem com os objetos internos já existentes, fortalecendo esse sistema fechado. Dessa maneira, como aponta Araujo (2015), o indivíduo retira todo o afeto das relações externas, impossibilitando que crie vínculos com outras pessoas.

Para um esquizoide (vale frisar novamente que Fairbairn acredita que a maioria de nós somos, no fundo, esquizoides, em maior ou menor grau), relacionar-se com outras pessoas é quase impossível, sair desse sistema fechado e abri-lo para os outros é um processo doloroso e cheio de riscos. Ao mesmo tempo, esse mundo interno é também aterrorizante, já que sua fundação vem da internalização de objetos maus e persecutórios. Além disso, esse sistema fechado enfraqueceria o ego e suas conexões com o mundo exterior, já que a maior parte da libido ficaria voltada para o mundo interno. Ou seja, ele abre mão do princípio da realidade, fazendo com que o princípio de prazer aja de modo dominante, como aponta Figueiredo (2013).

Conclusão

Por meio de seus estudos sobre os esquizoides, Fairbairn retirou as psicopatologias das vivências internas instintuais. Ou seja, o sofrimento interno de nossos pacientes (e também de nós mesmos, por que não?) deixou de ser apenas um problema do indivíduo e passou a ser um problema seu e de sua relação com seus objetos externos e também internos. Sua criação de um novo aparelho psíquico pode talvez complicar algo que aparentemente já está explicado e comprovado, mas ao mesmo tempo em que devemos reconhecer todas as descobertas de Freud, devemos também entender as limitações científicas de seu tempo e abraçar as novas descobertas feitas por novos teóricos e cientistas. Dessa forma, adicionando algo de novo à teoria da Psicanálise, Fairbairn abriu o campo de trabalho para ela.

Fairbairn construiu toda a sua teoria baseado no trabalho com seus pacientes. Isso é de extrema importância, já que ele acredita que, para realmente auxiliarmos nossos pacientes, é necessário que possamos chegar a seus pontos mais primitivos e ao mesmo tempo mais protegidos, retirando-os do sistema fechado e voltando seus

Uma Introdução Das Estruturas Endopsíquicas De Fairbairn

impulsos para o mundo externo, real. Isso não seria possível considerando apenas a teoria dos impulsos.

Os trabalhos de Fairbairn não são tão estudados como os trabalhos de outros autores da teoria das relações de objeto, mas, com certeza, ele auxiliou na construção dessa teoria e deveria ter seu trabalho mais reconhecido e estudado.

Kátia Maria Amaral dos Santos

Referências

- Araujo, teo. Weingrill. (2015). *Fairbairn*. São paulo: casa do psicólogo.
- Bleichmar, norberto. M. (1992). *A psicanálise depois de freud*. (org.) Norberto m. Bleichmar, célia leiberman de bleichmar; trad. Francisco franke settineri – porto alegre: artes médicas.
- Fairbairn, w. Ronald d. (1940). Fatores esquizoides na personalidade. In: *estudos psicanalíticos da personalidade*. Rio de janeiro: interamericana, 1978. p. 3 – 22.
- Fairbairn, w. Ronald d. (1941). Uma revisão da psicopatologia das psicoses e psiconeuroses. In: *estudos psicanalíticos da personalidade*. Rio de janeiro: interamericana, 1978. p. 23 – 46.
- Fairbairn, w. Ronald d. (1943). Repressão e retorno dos objetos maus (com especial referência às “neuroses de guerra”) in: *estudos psicanalíticos da personalidade*. Rio de janeiro: interamericana, 1978. p. 47 – 64.
- Fairbairn, w. Ronald d. (1944). As estruturas endopsíquicas consideradas em termos de relações de objeto. In: *estudos psicanalíticos da personalidade*. Rio de janeiro: interamericana, 1978. p. 65 – 107.
- Figueiredo, luís claudio. (2013). Fairbairn em sete lições (orgs.) Luís claudio figueiredo, teo weingrill araujo. – são paulo: escuta.

Kátia Maria Amaral dos Santos

kmasantos@gmail.com